

# ○ ESTABELECIMENTO DE UM PROGRAMA DE PESQUISA WEBERIANO:

entrevista com Wolfgang Schluchter

Realizada por Paulo Rigolin de Moraes, Sara Tufano e Hugo Neri\*

Wolfgang Schluchter, sociólogo alemão e professor de Sociologia na Universidade de Heidelberg, é hoje um dos maiores conhecedores da obra de Max Weber. Autor de diversas obras<sup>1</sup>, como *Die Entwicklung des okzidentalen Rationalismus* (*O desenvolvimento do racionalismo ocidental*), *Religion und Lebensführung* (*Religião e condução da vida*) e *Grundlegungen der Soziologie* (*Fundamentos da teoria sociológica*), é membro do Conselho Editorial responsável pela edição crítica das obras completas de Max Weber (*MWG – Max Weber Gesamtausgabe*), projeto iniciado há mais de trinta anos.

No marco da II Jornada Max Weber, realizada em 1º de outubro de 2013 pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP (PPGS-USP), o Laboratório de Pesquisa Social (LAPS), o Departamento de Ciência Política e a Cátedra Von Martius, Schluchter ministrou a conferência “Capitalism from a World-Historical Perspective: Max Weber’s Theory and History of Capitalism”. A entrevista a seguir, concedida um dia após a conferência, foi a ocasião para o autor alemão pormenorizar a origem de seu interesse pela obra de Max Weber e falar um pouco de sua trajetória na constituição e no desenvolvimento de um programa de pesquisa weberiano.

**Revista Plural** *Gostaríamos de começar a entrevista com uma pergunta sobre sua formação acadêmica e trajetória profissional.*

**Wolfgang Schluchter** Estudei em várias universidades na Alemanha, durante o final dos anos 1950 e início dos anos 1960, e obtive meu diploma – nós tínhamos o diploma, naquele tempo – em Sociologia (combinado com outras disciplinas:

---

a Respectivamente, mestrando do Programa de Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo (PPGS-USP).

1 Até hoje, apenas um dos seus livros tem tradução brasileira, trata-se de *Paradoxos da modernidade*, publicado pela Editora UNESP, em 2012. Uma lista com todas as publicações de Wolfgang Schluchter pode ser encontrada em sua página pessoal, no site da Universidade de Heidelberg: <[www.soz.uni-heidelberg.de/Prof\\_Dr\\_Dr\\_hc\\_Wolfgang\\_Schluchter/publikationen/825,506,0,0,1.html](http://www.soz.uni-heidelberg.de/Prof_Dr_Dr_hc_Wolfgang_Schluchter/publikationen/825,506,0,0,1.html)>.

Economia e Filosofia), na Universidade Livre de Berlim, em 1964. Depois da graduação, eu me tornei assistente de um professor de Sociologia em Berlim, preparando algumas de suas aulas [*Seminare*] e trabalhando em minha tese. Durante meus anos de graduação e o início da docência, pude ver a emergência dos movimentos de protesto estudantil. Berlim foi um centro desses movimentos e, em alguma medida, tornei-me parte deles, porque muitos estudantes que foram líderes nos movimentos de protestos eram estudantes de Sociologia. Menciono, por exemplo, Rudi Dutschke, que participou do curso “Marxismo e Socialismo Democrático”, que eu havia organizado para meu professor, em 1964. Em 1968, deixei Berlim para ingressar na Universidade de Mannheim, famosa por seu Departamento de Ciências Sociais e por sua forte orientação histórica e empírica. Lá assumi o cargo de professor assistente e pude preparar minha segunda tese, a *Habilitation*. De lá fui para a Universidade de Pittsburgh, nos Estados Unidos, como *Andrew Mellon Postdoctoral Fellow*, e, em seguida, fui professor visitante na Universidade Britânica, em Singapura. Esses encontros com outros países e culturas duraram quase dois anos. Durante minha estadia em Singapura, recebi uma proposta para uma cátedra [*Full Professorship*] na Universidade de Düsseldorf. Lá eu tive de construir um novo departamento e lecionei Sociologia por três anos. Então, recebi uma oferta para ingressar na Universidade de Heidelberg, para reconstruir o departamento de Sociologia deles, que sofria com longas vacâncias decorrentes dos tumultos posteriores às revoltas estudantis. Por fim, várias vezes eu decidi permanecer em Heidelberg, ainda que tenha recebido propostas para ir a outros lugares. Meu compromisso com Heidelberg é relacionado com Max Weber, que viveu grande parte de sua vida adulta e realizou grande parte de seu trabalho científico nessa cidade. E para mim era vantajoso permanecer, porque, graças à flexível administração da universidade, pude conciliar meus compromissos em Heidelberg com outras atividades. Para mencionar algumas: em 1981/82, estive como *Theodor-Heuss-Professor* na New School for Social Research, em Nova Iorque; durante os anos 1980, fui, por um semestre a cada dois anos, para a Universidade da Califórnia, em Berkeley, como professor visitante. Após a reunificação da Alemanha, trabalhei por mais de um ano na Universidade de Leipzig, para reconstruir o Departamento de Sociologia e Ciência Política deles; alguns anos depois, de 1997 a 2002, trabalhei com dois colegas para estabelecermos a Universidade de Erfurt, onde fui chefe fundador do Departamento de Ciências Sociais e do *Max-Weber-Kolleg*, uma espécie de centro de estudos avançados. Max Weber, como vocês sabem, nasceu em Erfurt, portanto, essa denominação foi uma escolha deliberada, também indicando um programa de pesquisa

a ser perseguido. Depois de cinco anos em Erfurt, retornei a Heidelberg, onde fui vice-reitor por mais quatro anos. Aposentei-me em 2006. Entretanto, imediatamente depois da aposentadoria, eu aceitei uma nova tarefa e me tornei diretor do Marsilius-Kolleg, em Heidelberg, que também é um centro de estudos avançados. Enfim, durante a maior parte de minha carreira acadêmica, combinei a docência e a pesquisa com a construção de instituições. Além disso, grande parte desse tempo, estive envolvido com a edição histórico-crítica dos escritos e cartas de Weber. Esse projeto começou há mais de trinta anos e está ainda em curso. Eu mesmo editei vários desses volumes. Os próximos volumes pelos quais sou responsável são *Economia e sociedade*<sup>2</sup> e *A ética protestante*<sup>3</sup>.

**Revista Plural** *E seu interesse em Weber começou quando, exatamente?*

**Wolfgang Schluchter** O interesse em Weber surgiu relativamente cedo em minha carreira. Depois do diploma, escrevi uma tese sobre Hermann Heller, um importante teórico em Direito Constitucional, durante a República de Weimar. Ele era de origem judaica e emigrou em 1933, quando os nazistas chegam ao poder. Infelizmente, ele morreu prematuramente em seu exílio na Espanha, ainda em 1934, deixando apenas o esboço de um trabalho muito promissor. Durante sua curta carreira acadêmica, ele escreveu um estudo muito interessante sobre a teoria do Estado Moderno, a partir de uma perspectiva socialista. Ainda que essa possa ser considerada uma grande contribuição, que deveria ser continuada após a II Guerra Mundial, quando a Alemanha formulou uma nova constituição, isto não foi o que aconteceu. Ao invés disso, Carl Schmidt, uma das figuras mais dúbias da teoria legal alemã, que se adaptou ao regime nazista e agiu como grande adversário de Heller, durante a República de Weimar, desfrutou de um reconhecimento muito maior que Heller na Alemanha do pós-guerra. Eu achava isso inaceitável. Eu sentia que se deveria fazer mais justiça a Herman Heller e escrevi minha tese sobre sua teoria, em comparação com outros teóricos legais de seu tempo. Nesse contexto, eu me deparei com Weber pela primeira vez. Quando em minha segunda tese – na Alemanha, você deve escrever duas teses: uma para o doutorado e outra [*Habilitation*] para a docência universitária –, coloquei Weber no centro da análise, comparando sua leitura com a de Marx, por um lado, e com a

---

2 MGW I/23: Wirtschaft und Gesellschaft. *Soziologie*. Unvollendet. 1919-1920. Hrsg. von Knut Borchardt, Edith Hanke und Wolfgang Schluchter.

3 MGW I/18: Die Protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus – Die Protestantischen Sekten und der Geist des Kapitalismus. Schriften 1904-1920. Hrsg. von Wolfgang Schluchter, in Zusammenarbeit mit Ursula Bube.

de Saint-Simon, por outro. Tentei estabelecer a abordagem weberiana como uma alternativa viável a essas duas leituras. Posteriormente, fiquei mais e mais interessado pela Sociologia da religião, e isso me levou a promover uma série de conferências internacionais acerca dos estudos comparativos de Weber sobre a ética econômica das religiões mundiais. Isso resultou na publicação de seis volumes sobre as partes escritas e não escritas desse abrangente projeto de Weber: um sobre judaísmo antigo, um sobre confucionismo e taoísmo, um sobre hinduísmo e budismo, um sobre cristianismo primitivo, um sobre o islã e um sobre o cristianismo ocidental. Esses seis volumes foram lançados durante os anos 1980. A partir daí, eu tentei desenvolver a abordagem weberiana em um aparato conceitual amplo. O resultado dessa proposta foi *Religion und Lebensführung*<sup>4</sup> [*Religião e condução da vida*], em dois volumes, publicados em 1988, e *Grundlegungen der Soziologie*<sup>5</sup> [*Fundamentos da Sociologia*], também em dois volumes, publicados em 2006 e 2007, respectivamente. Neles eu tento estabelecer o que eu chamo de programa de pesquisa weberiano, como uma alternativa a Marx e Durkheim, por um lado (volume 1), e a Talcott Parsons, George Herbert Mead, Jürgen Habermas e Niklas Luhmann, por outro (volume 2).

**Revista Plural** *No momento em que o senhor começou a estudar a obra de Weber, ela não tinha a mesma recepção que tem hoje. Nesse sentido, por que o escolheu entre tantos outros teóricos de seu tempo?*

**Wolfgang Schluchter** Quando desenvolvi meu interesse pelo trabalho de Weber, ele não era muito bem recebido no debate alemão. Era reconhecido nos Estados Unidos, graças ao trabalho de Talcott Parsons, Reinhard Bendix e outros, mas não era assim na Alemanha. É um dado interessante na história das Ciências Sociais que o trabalho de Weber, em certo sentido, tenha sido exportado aos Estados Unidos antes de ser notado na Alemanha. Em 1964, houve um encontro em Heidelberg, intitulado “Max Weber e a Sociologia hoje”, organizado pela Sociedade Alemã de Sociologia, que se tornou bastante famoso. Além dos alemães, muitos sociólogos de outros países participaram. E, no geral, pode-se dizer que a estima em relação à obra de Weber era muito maior entre os estrangeiros do que entre os alemães.

---

4 *Religion und Lebensführung*, Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1988; v. 1: Studien zu Max Webers Kultur- und Werttheorie, v. 2: Studien zu Max Webers Religions- und Herrschaftssoziologie.

5 *Grundlegungen der Soziologie*. Eine Theoriegeschichte in Systematischer Absicht, 2 v., Tübingen: Mohr Siebeck, 2006 e 2007.

O pensamento de Weber foi atacado por marxistas, evidente, independentemente de serem alemães ou estrangeiros, mas foi defendido principalmente por americanos, por Talcott Parsons, Reinhard Bendix e Benjamin Nelson. Também Raymond Aron, da França, e Pietro Rossi, da Itália, pertenciam aos defensores. Aron debateu o livro de Wolfgang Mommsen, *Max Weber und Die Deutsche Politik [Max Weber e a política alemã]*, defendendo a postura weberiana da alegação de que Weber havia ajudado a pavimentar o caminho para o regime nazista. Em seu seminal livro, Mommsen havia atacado Weber a partir de um ponto de vista da Alemanha do pós-guerra – atualmente diríamos: do ponto de vista da retidão política. Essa constelação indica que, naquele momento, a principal recepção do trabalho de Weber ocorria não na Alemanha, mas fora dela. Somente nos anos 1970 houve um recomeço. Até ali um marxismo revitalizado havia virtualmente dominado o debate alemão. Nesse contexto, Weber era sempre lembrado como um pensador *bourgeois*, superado pelo marxismo. Mas, então, o marxismo enfraqueceu-se em alguma medida, e as pessoas de repente cogitaram: Weber talvez seja uma alternativa.

Ele tem muito mais a dizer do que nós reconhecemos até agora. Ele possui um aparato conceitual para pesquisas comparativas em escala universal. Nós podemos alcançar outras civilizações com esse aparato conceitual. De forma alguma está tudo limitado a ideias políticas questionáveis que ele tinha no contexto de seu tempo. Um importante elemento dessa redescoberta foi um novo olhar para sua Sociologia da religião – dos estudos comparativos sobre a Índia, China e o Ocidente, que há pouco mencionei –, e, repentinamente, Weber tornou-se uma alternativa realmente séria à abordagem marxista. E, então, outros autores entram em cena, por exemplo, Norbert Elias e sua teoria da civilização e Georg Simmel, que também havia sido quase esquecido e era então redescoberto. Então, havia um debate inteiramente novo nos anos 1980 e início dos anos 1990, quando se compara com os anos 1950 e 1960, e, com a reunificação alemã, a situação mudou novamente.

Mas é um fato muito interessante que, após a II Guerra Mundial, ele não fazia parte integral do debate sociológico na Alemanha. Weber foi trazido de volta para casa, por assim dizer, somente nos anos 70 e 80 do século passado.

**Revista Plural** *Mas por que Weber obteve tamanha projeção? Em seu tempo, havia vários outros sociólogos e teóricos sociais...*

**Wolfgang Schluchter** Creio que este é outro ponto interessante. Durante sua vida, ele era reconhecido como uma importante figura por seus contemporâneos, mas ele não foi capaz de estabelecer uma escola, como Durkheim, na França. Mui-

tos de seus textos, hoje tidos como importantes, não foram publicados em vida. Isso é especialmente importante para as duas versões de *Economia e sociedade*. Também se deve lembrar que seus estudos sobre o protestantismo ascético e sobre a ética econômica das religiões mundiais foram publicados apenas em revistas científicas, não como livro. Somente no final da vida ele começou a organizar esses ensaios em quatro volumes, mas ele morreu antes de seus planos se tornarem realidade. Então, durante sua vida, seu trabalho não estava integralmente disponível para a comunidade científica, menos ainda para o público em geral. Assim, por algum tempo não havia ciência da riqueza e do enorme escopo de sua herança intelectual. Foi somente nos anos 1920, quando Marianne Weber, sua viúva, publicou esses artigos em coletâneas de ensaios, em vários livros, e tornou pública a primeira edição de *Economia e sociedade* que o trabalho enquanto tal se tornou mais conhecido. Então, houve uma interrupção, de 1933 em diante, quando os nazistas chegam ao poder. Ele não era visto como um deles, evidentemente. Ele teria se oposto à Alemanha nazista, como o fez seu irmão Alfred, sua esposa Marianne e seu colega e amigo Karl Jaspers. Então, não houve continuidade na leitura acadêmica de Weber, entre a República de Weimar e a Alemanha do pós-guerra.

Em seu próprio tempo, ele tinha vários competidores, evidentemente, como seu amigo Georg Simmel ou Ferdinand Tönnies. Havia muitos “sociólogos”, ele era tido como apenas mais um em meio a esse grupo. Só posteriormente ele foi reconhecido como uma figura edificante. Tivemos uma recepção tardia, uma vez que seu trabalho se tornou disponível apenas passo a passo. E, agora, com edição histórico-crítica, sua imagem mudará novamente, porque, além do que se tornou conhecido da comunidade científica nesse meio tempo, temos agora mais de três mil cartas, que podem ser parcialmente tomadas como comentários sobre o próprio trabalho. Além disso, transcrevemos as notas dos cursos que ele ministrou antes de seu colapso nervoso, em 1898. Esse material permite uma segunda tentativa de apropriação do trabalho de Weber em sua totalidade. Temos, agora, uma imagem muito mais clara de como seu trabalho se desenvolveu. Escrevi extensivamente sobre esse tema. De todo modo, é importante ter em mente que, durante sua vida, ele era tido como um entre muitos outros e, inicialmente, ele não era considerado um sociólogo. Antes de sua crise nervosa, ele era professor de Economia. Esse era seu compromisso em Freiburg e também em Heidelberg. No período após sua crise nervosa, de 1898 em diante, ele se tornou uma pessoa reservada. Ele renunciou à docência. Permaneceu uma figura pública, mas não tinha compromissos universitários. Somente em 1919, com a queda da Alemanha imperial e a Revolução de

Novembro, em 1918, ele aceitou novamente uma cátedra em Munique, dessa vez em Sociologia. E, então, morreu depois de um ano, ainda considerado por muitos como um economista. O reconhecimento como grande sociólogo se deu posteriormente, e novamente devo enfatizar a importante contribuição de sua viúva, Marianne Weber, porque ela cuidou de manter o material publicado e não publicado e de apresentá-lo ao público de uma forma organizada. Assim, a recepção pôde ser mais abrangente, indo além do mero reconhecimento limitado a alguns de seus mais importantes trabalhos, como *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Na verdade, essa também é uma série de artigos, escritos em 1904 e 1905, não um livro. Ele gostaria de continuá-los, mas não o fez. Por quê? Nós não sabemos. Mas essa série de dois artigos foi muito bem recebida por seus contemporâneos. Atualmente, é um dos mais importantes textos na Sociologia. Como mencionei em outra conferência, houve um levantamento entre os membros da Associação Internacional de Sociologia: quais os textos mais importantes escritos em Sociologia durante o século 20? Resposta: dois textos de Weber, *Economia e sociedade* e seu estudo sobre o protestantismo ascético. Isso é notável, certamente, mas não muda o fato de que foi uma recepção tardia e, por conta do nazismo, ainda mais adiada na Alemanha. Depois da queda do regime nazista, muitos jovens sociólogos alemães foram para os Estados Unidos e trouxeram a Sociologia lá estabelecida para a Alemanha. Em alguma medida, Weber voltou nesse processo para a Alemanha.

**Revista Plural** Nesse processo, como os alemães lidaram com a influência dos leitores americanos de Weber, como Talcott Parsons e outros?

**Wolfgang Schluchter** Sempre admirei Parsons. Primeiramente por sua dedicação em chamar a atenção dos leitores de língua *inglesa* para Weber, por meio das traduções. Ele foi o primeiro a oferecer aos leitores americanos (e britânicos) traduções de partes importantes da obra de Weber. Houve, é claro, antes de sua tradução de *Ética protestante*, em 1930, uma tradução (em 1927) de um curso que Weber lecionou no inverno de 1919-1920, “História social e econômica universal” [*Abriß der Universalen Sozial- und Wirtschaftsgeschichte*]. Mas esse não é um texto original de Weber. Ele foi reconstruído com base em notas de estudantes e um guia que Weber tinha para seu próprio uso. Portanto, não é, no estrito senso dessa concepção, um texto de Weber. Além do mais, é uma tradução incompleta. O tradutor deixou de fora a importante primeira seção do texto, em que Weber fornece os conceitos básicos para sua análise histórica social e econômica. Assim, Parsons foi o primeiro a tornar Weber realmente conhecido nos Estados Unidos. E, além de *Ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, ele também tradu-

ziu partes de *Economia e sociedade*, em colaboração com Henderson. Então, ele pode ser tomado como um divulgador crucial. Ele foi o primeiro a tornar textos centrais de Weber disponíveis para os leitores de língua inglesa.

Ele também interpretou Weber de forma interessante em seu livro inovador *A estrutura da ação social* [*The Structure of Social Action*], de 1937. É uma grande obra, em que ele tenta usar a história da teoria social para criar uma nova teoria, intitulada “teoria voluntarista da ação”. Trata-se, de acordo com Parsons, do resultado de uma fusão entre duas tradições muito diferentes na teoria social: a positivista-utilitarista, de um lado, e a hermenêutico-idealista, de outro. Parsons argumenta que ambas as tradições se encontravam com tensões internas, que não poderiam ser resolvidas dentro de suas respectivas premissas. Assim, trouxe à luz uma terceira posição, em que as limitações dessas duas tradições seriam superadas. Nesse processo de “convergência”, Weber tem um papel central (assim como Durkheim). E, nesse contexto, Parsons nos fornece uma interpretação abrangente da obra de Weber. Isso inclui também os estudos comparativos de Weber sobre a Sociologia da religião.

Com isso, Parsons foi muito útil para fazer Weber conhecido por um público de língua inglesa. Sua interpretação foi tendenciosa, é claro; ele usou Weber como alicerce para sua própria teoria. Assim, desconsiderou algumas das questões mais complicadas da obra de Weber. Por isso, mais tarde ele foi atacado por ter dado uma imagem parcial da obra de Weber – ao passo que o nome do jogo agora era “desparsonizar” Weber. Por outro lado, os imigrantes alemães, como Hans Gerth e outros, também promoveram Weber nos Estados Unidos. E não é por acaso que a alternativa mais importante para interpretação de Parsons veio de um imigrante alemão. Ela pode ser encontrada no livro de Reinhard Bendix, intitulado “*Max Weber: um perfil intelectual*” [*Max Weber: an Intellectual Portrait*], que ele escreveu para seus alunos, para compensar a falta de traduções para o inglês de partes da obra de Weber. Bendix foi considerado fundamental para a compreensão adequada da posição de Weber. Foi também a intenção dele transmitir uma visão do homem e de sua obra que não seja a de Parsons. Bendix considerava Weber principalmente um sociólogo político, não no sentido estrito de sua contribuição para a política alemã, mas no sentido mais amplo de sua contribuição para uma Sociologia comparativa da dominação (e religião). Parsons e Bendix representam duas formas muito diferentes de apropriar a abordagem de Weber em sua totalidade. Essa diferença entre os dois pode ser demonstrada no que se refere a um problema de tradução, que compete ao conceito *Herrschaft*. Não há equivalente para essa palavra alemã em inglês. Ela compreende tanto legitimidade quanto a estrutura

de regência [*rulership*]. Parsons traduziu-a como “autoridade”; Bendix, como “dominação”. Como autoridade, coloca-se ênfase no lado normativo de *Herrschaft*; com a dominação coloca-se ênfase na estrutura de poder. Essas não são apenas diferenças semânticas, mas também diferenças na interpretação da análise de Weber. No entanto, devemos admitir que Parsons desempenhou um papel significativo na promoção acadêmica weberiana nos Estados Unidos, embora ele tenha dado uma imagem parcial. Como já mencionado, com a queda de Parsonianismo nos Estados Unidos, “deparsonizar” Weber (e Durkheim) tornou-se a ordem do dia.

**Revista Plural** *Essa é uma razão pela qual traduziu seu trabalho para o inglês, publicando-o nos Estados Unidos?*

**Wolfgang Schluchter** Não foi minha intenção, em primeiro lugar, mas gostei da oportunidade de ter alguns de meus livros traduzidos para o inglês. Eu ainda sou muito grato ao meu bom amigo Guenther Roth – descendente de alemães e que foi para os Estados Unidos muito cedo, em sua carreira, para se tornar um assistente de Reinhard Bendix –, por se ocupar da tradução do meu livro *Die Entwicklung des okzidentalen Rationalismus*<sup>6</sup>, de 1979, que apareceu sob o título *The Rise of Western Rationalism*, nos Estados Unidos, em 1981. Ele sugeriu traduzi-lo, e fiquei muito feliz de ele mesmo ter sido o tradutor. Essa tradução acabou sendo uma experiência muito interessante, não só para mim, mas também para ele. Ao longo do caminho, ele percebeu que alguns dos conceitos e das frases que eu tinha usado para a minha interpretação não foram devidamente processados na tradução inglesa da obra de Weber; eles nem sequer existiam. Assim, ele teve que retraduzir passagens inteiras do Weber para o inglês. Então, publicamos um pequeno livro em conjunto, intitulado *Visão da História de Max Weber* [*Max Weber's Vision of History*], que acabou por ser muito bem-sucedido. Mais uma vez, ele traduziu a minha contribuição para esse livro.

**Revista Plural** *O senhor acha que o reconhecimento dos americanos de seu trabalho foi importante não só para os americanos, mas também para os acadêmicos ingleses?*

**Wolfgang Schluchter** Alguns de meus livros foram bem recebidos, mas não tenho ideia de quão importante eles têm sido nos debates. *O desenvolvimento do ra-*

---

6 *Die Entwicklung des okzidentalen Rationalismus. Eine Analyse von Max Webers Gesellschaftsgeschichte*, Tübingen: Siebeck, 1979; reeditado com o título: *Die Entstehung des Modernen Rationalismus. Eine Analyse von Max Webers Entwicklungsgeschichte des Okzidents*, Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1998.

*cionalismo ocidental* [*The Rise of Western Rationalism*] foi bem recebido, mas também criticado. Outro livro em inglês, *Paradoxos da modernidade*<sup>7</sup> [*Paradoxes of Modernity*], que agora está traduzido para o português, recebeu muitas resenhas. Eu não as contei, mas devem ter sido em torno de vinte. *Racionalismo, religião e dominação* [*Rationalism, Religion and Domination*], que é uma continuação de *O desenvolvimento do racionalismo ocidental*, não teve obviamente sucesso. Ele era difícil e, além disso, muito caro.

**Revista Plural** *No Brasil, consideramos as interpretações alemãs, mas também as inglesas e americanas. Elas estão relacionadas, mas não são as mesmas.*

**Wolfgang Schluchter** Elas definitivamente não são a mesma coisa. Alguns estudiosos americanos escrevem sobre Weber, sem qualquer conhecimento da língua alemã. Eles contam apenas com traduções. Achei isso sempre muito estranho. As traduções são, como vimos, sempre interpretações. Portanto, deve-se, pelo menos, ser capaz de examinar a tradução cotejando com o original, a fim de descobrir se uma tradução é adequada ou não. Eu sempre fui muito cético, quando percebi que um autor que escreve sobre Weber não podia ler alemão. Não é necessário se ater a Weber em todos os aspectos. É possível utilizar o material também para outros fins. Depende de seu interesse de pesquisa. Mas um obstáculo para uma compreensão adequada da contribuição de Weber é realmente a falta de acesso ao original.

**Revista Plural** *Será que essa produção em inglês tem algum impacto na Alemanha, por exemplo, o Max Weber Studies, de Sam Whimster?*

**Wolfgang Schluchter** O empreendimento de Sam Whimster junto com o grupo de estudo britânico de Weber [*Max Weber Studies*] abrange uma ampla gama de tópicos. Alguns deles são bastante periféricos. Não vejo o periódico no centro de um debate teoricamente orientado sobre Weber. Isso pode mudar no futuro. Tenho a sensação de que, nos últimos anos, Whimster tenta atingir outros países, apresentando artigos de estudiosos com sede fora da Grã-Bretanha e com uma ênfase mais forte na teoria. No entanto, a discussão na Alemanha não é influenciada por essa revista. Lá, seguimos um caminho diferente, que é muito mais orientado pela teoria. Alunos meus têm estabelecido uma série de publicações sob o rótulo de *o paradigma weberiano*. É uma tentativa de apresentar publi-

---

7 *Paradoxos da modernidade. Cultura e conduta na teoria de Max Weber*. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

cações, em que os desenvolvimentos recentes na teoria social estão relacionados com um programa de pesquisa weberiano.

**Revista Plural** *Então, existiria alguma outra influência externa sobre o desenvolvimento de um programa de pesquisa com base em Max Weber?*

**Wolfgang Schluchter** A obra de Stephen Kalberg me vem à mente. Mas Kalberg, pode-se dizer, é produto alemão. Ele viveu na Alemanha por muito tempo, aprendendo a língua e trabalhando com Friedrich H. Tenbruck, em Tübingen. Sua tradução de *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, conjuntamente com textos afins, é um ataque a Parsons. Ele considera a tradução de Parsons enganosa. Mas, como vimos, nunca há só um modo; ele também forneceu interpretações interessantes, tentando sistematizar o trabalho de Weber como uma teoria comparativa das civilizações. No entanto, nossa discussão na Alemanha é mais técnica. Ainda nos concentramos na metodologia – o que é o tipo ideal, uma visão não afirmativa ou uma hipótese que pode ser falsificada? Destaca-se também a teoria da ação –, qual é a relação entre ação e estrutura? E, muito importante: onde é que a Sociologia interpretativa de Weber difere da teoria da escolha racional? Esses são tipos de perguntas que estamos buscando. Estamos interessados na construção da teoria, não só na interpretação adequada dos textos.

**Revista Plural** *Sobre o programa de pesquisa weberiano que tem falado, gostaríamos de saber se o senhor acha que é possível desenvolver um programa de pesquisa consistente com base apenas em Max Weber.*

**Wolfgang Schluchter** Como sociólogos vivendo quase cem anos depois de Weber, nós nos confrontamos com uma nova situação-problema. Isso tem implicações tanto teóricas quanto históricas. A situação-problema que Weber enfrentou não é a mesma que enfrentamos. Houve um avanço teórico depois de Weber que tem de ser reconhecido – um aprofundamento dessa questão pode ser encontrado no volume 2 do meu livro *Fundamentos* –, assim como uma nova situação histórica. Portanto, não podemos simplesmente ficar com suas asseverações. Temos de continuar a desenvolver sua metodologia e seu aparato conceitual mais a fundo, se quisermos lidar com a nova situação histórica. Weber não tinha nenhum conhecimento sobre os regimes totalitários, a bomba atômica e os resíduos nucleares, o aquecimento global ou a revolução digital, para citar apenas algumas novas questões. Seria absurdo procurar soluções para tais problemas em seu trabalho. Hoje, um weberiano deveria seguir sua metodologia e formação de conceitos, sua linha de raciocínio, mas ele deve permanecer aberto a novas ideias. Chamo isso

de *explicar*, em vez de *interpretar*, a obra de Weber.

**Revista Plural** *Quando e como essas questões emergiram? Na década de 1980, o senhor estava interessado principalmente nos estudos comparativos de Sociologia da religião e hoje está mais focado no programa de pesquisa weberiano.*

**Wolfgang Schluchter** Passei da interpretação à explicação lentamente, passo a passo. Isso pode ser inferido a partir dos títulos de meus últimos livros. Começando com *Handlung, Ordnung und Kultur*<sup>8</sup> [*Ação, ordem e cultura*] – traduzido ao espanhol e em breve ao português, seguido por *Grundlegungen der Soziologie* [*Fundamentos da teoria sociológica*], mencionado anteriormente. Há um terceiro livro, intitulado *Die Entzauberung der Welt*<sup>9</sup> [*O desencantamento do mundo*], que está sendo traduzido ao espanhol e ao português. Devido ao meu compromisso como membro do Conselho Editorial da edição histórico-crítica dos escritos e cartas de Weber [*Max Weber – Gesamtausgabe*], atualmente estou novamente mais preocupado com a interpretação. Mas eu vou voltar para o outro caminho...

Desenvolver o programa de pesquisa weberiano exige um intercâmbio com outras posições que apresentam uma afinidade com o pensamento de Weber. Estas seriam posições para além do individualismo metodológico e do holismo metodológico. Margaret Archer e Anthony Giddens, assim como John Searle, vêm à mente. Uma explicação mais profunda da abordagem de Weber deve ocorrer em um contexto fornecido por esses autores.

**Revista Plural** *Por que não considerar, por exemplo, Alfred Schütz?*

**Wolfgang Schluchter** Há uma afinidade entre Max Weber e Alfred Schütz, sem dúvida. Porém eu estabeleceria uma distinção entre o jovem Schütz que escreveu *Der sinnhafte Aufbau der sozialen Welt* [*The Phenomenology of the Social World*] e o Schütz “tardio”, que escreveu – em colaboração com Tomas Luckmann – *Strukturen der Lebenswelt* [*The Structures of the Life-World*]. Somente o primeiro está diretamente relacionado a Weber. E, como vocês seguramente sabem, ele assume uma postura crítica em relação a Weber. A postura refere-se à teoria da ação weberiana e a seu contexto filosófico, o neokantismo. A autoridade filosófica para Schütz é Edmund Husserl, e não, como no caso de Weber, Heinrich Rickert, pelo menos até certo ponto (isso deveria ser qualificado). Não

8 *Handlung, Ordnung, Kultur. Studien zu Einem Forschungsprogramm im Anschluss an Max Weber*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005.

9 *Die Entzauberung der Welt. Sechs Studien zu Max Weber*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2009.

penso que o ataque do jovem Schütz tenha sido exitoso. Com seu enfoque fenomenológico, ele se deparou com dificuldades sem solução. Ele não conseguiu realizar uma transição consistente de uma perspectiva egológica a uma intersubjetiva. E ele transformou os tipos ideais em tipos reais, o que destrói a metodologia de Weber. Seu trabalho tardio sobre as estruturas do mundo da vida está muito mais fundamentado no pragmatismo americano – William James e George Herbert Mead – do que no Husserl. O conceito de mundo da vida é especialmente útil para a Sociologia weberiana, porém, no caso de Schütz, o conceito tem um sesgo idealista. Aqueles que trabalham seguindo suas ideias reduzem a Sociologia à Sociologia do conhecimento. Isso é incompatível com um enfoque weberiano.

**Revista Plural** *Em relação ao programa de pesquisa weberiano, quais os autores que atualmente usam esse programa? Isto é, o senhor publicou *Public Spheres and Collectives Identities* com o professor Eisenstadt, e Thomas Schwinn está trabalhando nesse programa. Como vai a pesquisa empírica?*

**Wolfgang Schluchter** Essa é uma pergunta interessante. A dimensão empírica e histórica do programa encontra-se ainda relativamente fraca. A ênfase permanece na teoria. O Shmuel Eisenstadt “tardio” é outra história. Apesar de ele considerar-se weberiano, seguiu uma agenda relativamente autônoma. Trabalhamos juntos por quase cinco anos, em um ambiente muito amigável, porém não conseguimos concordar com uma agenda comum. Honestamente, nunca entendi seu conceito de “modernidades múltiplas”. O conceito em si é complicado: trata-se de modernidade múltipla ou simplesmente modernidades? Se é o primeiro, deve haver um denominador comum. Eisenstadt nunca o explicou. Se é o segundo, espera-se uma tipologia, similar ao que apresentei ontem em relação ao capitalismo. Mas, em seu trabalho, o caso é o tipo. Além disso, seu conceito de “idade axial” é duvidoso, não é compatível com Weber. O conceito deriva do irmão de Weber, Alfred, e de Karl Jaspers, e não encaixa na análise comparativa das civilizações de Weber – o termo “civilização” é usado aqui no sentido de Durkheim, não no sentido alemão, em que civilização é geralmente justaposto à cultura. Porém, Eisenstadt está certo quando distingue a origem e a difusão da modernidade. Em relação à origem, Eisenstadt aceita a análise de Weber, com algumas restrições, claro, porém sua ênfase está na difusão. E essa é uma questão crucial também para um programa de pesquisa weberiano. Mas a solução de Eisenstadt não pode ser seguida ao pé da letra.

Thomas Schwinn, um de meus alunos e meu sucessor em Heidelberg, trabalha nessa linha, enfatizando a “dependência de trajetória” [*path dependency*] de desen-

volvimentos de longo alcance e a variabilidade e constelações institucionais, porém seu trabalho mais importante é sobre a teoria da ação e a teoria da diferenciação, incluída sua relação com a teoria da estratificação. Ele está especialmente interessado no intercâmbio com estudiosos que concordam com as premissas de uma teoria dos sistemas, como a elaborada na Alemanha sobre as bases de Parsons e Luhmann. Está mais propenso do que eu a integrar argumentos adiantados por membros dessa escola a um programa de pesquisa weberiano. Considero a teoria da ação e a dos sistemas incompatíveis. Seu trabalho é também principalmente teórico.

Mas vocês estão absolutamente certos sugerindo na pergunta o fato de que, no final das contas, devemos provar a viabilidade de um programa de pesquisa por meio de estudos empíricos e históricos. Devemos demonstrar quão poderoso o programa é na análise de um determinado fenômeno histórico e empírico. Um exemplo dessa análise que mencionei ontem refere-se à emergência de Hitler. Aqui os conceitos de Weber, especialmente os tipos da dominação carismática, foram aplicados exitosamente. No entanto, atualmente, nossa ênfase permanece em assuntos teóricos mais do que históricos ou empíricos. Esperamos que isso mude, mas, eu o admito, não serei eu quem o faça.

**Revista Plural** *Ainda nesse programa de pesquisa baseado em Weber, há alguma conexão com esse longo itinerário aqui no Brasil? Porque soubemos que o senhor já esteve em quatro universidades e visitará ainda outras. Há alguma conexão?*

**Wolfgang Schluchter** Já ministrei conferências em quatro universidades e ministrarei em outras quatro e ofereci para este “tour” de conferências seis tópicos diferentes. No total, serão treze conferências. O formato desse “tour” criou-se acidentalmente. O professor Jessé Souza, meu antigo aluno, quem recebeu seu PhD da Universidade de Heidelberg e quem, entretanto, é um autor reconhecido neste país e internacionalmente, perguntou-me, durante uma conferência na Cidade do México, se estaria disposto a vir ao Brasil. Eu aceitei entusiasticamente. A iniciativa começou em pequena escala e com o tempo foi crescendo, pois Jessé divulgou minha vinda, e muitas universidades responderam favoravelmente. Assim, minha esposa e eu começamos em Goiânia, depois fomos ao Rio, em seguida a Manaus e de Manaus a Natal. Agora estamos em São Paulo e, ainda nesta semana, iremos a Campinas e a João Pessoa. Nossa última parada será em Brasília. Aprecio muito a oportunidade de ministrar conferências em todos esses lugares. Dá uma ideia de quão grande e diversificado o país é. Estamos deslumbrados pela hospitalidade com que nos receberam. Agradeço especialmente pelas

interessantes conversas que tenho com professores e estudantes. E estamos antecipando mais disso. Infelizmente não falamos sua língua. Mas com o inglês nos damos bem.

**Revista Plural** *Uma última questão. Ontem, na conferência, o senhor mencionou as diferenças e semelhanças entre Weber e Marx. Há uma tradição chamada “marxismo weberiano”, que tenta estabelecer uma leitura weberiana da modernidade a partir de uma abordagem dialética. Como interpretaria essa relação?*

**Wolfgang Schluchter** Como apontei no primeiro volume de meus *Fundamentos*, os programas de pesquisa de Marx e Weber são fundamentalmente diferentes. Chamei o primeiro de Hegelianismo sociológico e o segundo de Sociologia kantiana. Essa diferença básica não exclui o fato de eles terem semelhanças em relação à análise de fenômenos concretos. Um exemplo é o capitalismo moderno. Weber admite que Marx identificou muito bem algumas tendências históricas associadas ao capitalismo moderno. Por exemplo, as que se referem à concentração e à centralização do capital, à emergência das companhias de ações, à globalização da economia capitalista, etc. Porém, no fundo, permanece uma diferença básica, a que se refere às metodologias diferentes e ao *status* dos conceitos. Weber não aceita a dialética, e os conceitos – os tipos ideais – são instrumentos heurísticos para ordenar a realidade, não dispositivos para compreender a essência das coisas. Além disso, ele não considera o capitalismo como um fenômeno moderno exclusivo, como Marx o considera. E o socialismo, segundo Weber, não superará as deficiências do capitalismo, só aumentará a burocratização. Ao meu ver, não existe isso chamado “marxismo weberiano”. Marx e Weber representam dois programas de pesquisa diferentes, que não podem ser fundidos.

